

VIDEO: Por trás do ataque USA aos smartphones chineses

A Arte a Guerra

By [Manlio Dinucci](#)

Global Research, December 05, 2018

ilmanifesto.it / [PandoraTV](#)

Depois de ter imposto pesadas tarifas aduaneiras sobre as mercadorias chinesas atingindo 250 bilhões de dólares, o Presidente Trump no G-20, aceitou uma “trégua”, adiando outras medidas imediatas, sobretudo, porque a economia USA está a ser atingida pela retaliação chinesa. Mas, para além dos pretextos comerciais, existem as razões estratégicas.

Sob a pressão do Pentágono e das agências de serviços secretos, os USA proibiram os smartphones e as infraestruturas de telecomunicações da empresa chinesa Huawei, sob a acusação de que podem ser usadas para espionagem e pressionam os aliados para que façam o mesmo. Advertem, sobretudo, a Itália, a Alemanha e o Japão, países com as bases militares USA mais importantes, e sob perigo de espionagem chinesa estão as mesmas agências de serviços secretos USA que devassaram, durante anos, as comunicações dos aliados – em particular, a Alemanha e a Itália. A Apple americana, em tempos, líder absoluta do sector, foi superada nas vendas pela Huawei (a propriedade desta empresa pertence aos funcionários, na qualidade de accionistas), elevada ao segundo lugar na classificação mundial, atrás da Samsung sulcoreana, o que representa uma tendência geral.

Os Estados Unidos – cuja supremacia económica se baseia artificialmente sobre o dólar, até agora, a principal moeda das reservas monetárias do comércio mundial – estão, cada vez mais, a ser ultrapassados pela China, quer na capacidade, quer na qualidade produtiva. “O Ocidente – escreve o *‘New York Times’* – estava confiante de que a aproximação chinesa não funcionaria. Tiveram só de esperar e ainda estão a aguardar. A China projecta uma vasta rede global de comércio, investimentos e infraestruturas que remodelarão os vínculos financeiros e geopolíticos”. Isto verifica-se, especialmente, mas não só, ao longo da Nova Estrada da Seda, que a China está a concretizar em 70 países da Ásia, Europa e África.

O *‘New York Times’* examinou 600 projectos efectuados pela China em 112 países, entre os quais:

Ø 41 oleodutos e gasodutos;

Ø 199 centrais, sobretudo, hidreléctricas (entre as quais, sete barragens no Camboja que fornecem a metade das necessidades de electricidade do país);

Ø 203 pontes, estradas e ferrovias, além de vários portos importantes no Paquistão, no Sri Lanka, na Malásia e noutros países.

Tudo isto é considerado em Washington, como uma “agressão aos nossos interesses vitais”,

como sublinha o Pentágono na “Estratégia Nacional de Defesa dos Estados Unidos da América, em 2018”. O Pentágono define a China como “competidor estratégico que usa uma economia predatória para intimidar os seus vizinhos”, esquecendo-se da série de guerras conduzidas pelos Estados Unidos e, também contra a China, até 1949, para saquear os países dos seus recursos. Enquanto a China constrói barragens, ferrovias e pontes úteis não só à sua rede comercial, mas também ao desenvolvimento dos países em que são produzidos, nas guerras USA, as barragens, as ferrovias e as pontes, são os primeiros alvos a ser destruídos.

A China é acusada pelo Pentágono de “querer impor a curto prazo, a sua hegemonia na Região do Índico-Pacífico e de querer apanhar de surpresa os Estados Unidos para, no futuro, alcançar a predominância global”, em conjunto com a Rússia, acusada de querer “fragmentar a NATO” e “sublevar os processos democráticos, na Crimeia e na Ucrânia Oriental”. Daí o “incidente” no Estreito de Kerch, causado por Kiev sob a direcção do Pentágono, para interromper a reunião Trump-Putin na Cimeira do G-20 (como aconteceu) e fazer entrar a Ucrânia na NATO, da qual já é um membro *de facto*. A “competição estratégica a longo prazo com a China e com a Rússia” é considerada, pelo Pentágono, como sendo a “principal prioridade”. Para este fim, “modernizaremos as forças nucleares e reforçaremos a Aliança transatlântica da NATO”.

Por trás da guerra comercial, prepara-se a guerra nuclear.

Manlio Dinucci

[il manifesto](#), 04 de Dezembro de 2018

VIDEO (PandoraTV) :

The original source of this article is [ilmanifesto.it / PandoraTV](#)

Copyright © [Manlio Dinucci](#), [ilmanifesto.it / PandoraTV](#), 2018

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Manlio Dinucci](#)

About the author:

Manlio Dinucci est géographe et journaliste. Il a une chronique hebdomadaire “L’art de la guerre” au quotidien italien *il manifesto*. Parmi ses derniers livres: *Geocommunity* (en trois tomes) Ed. Zanichelli 2013; *Geolaboratorio*, Ed. Zanichelli 2014; *Se dici guerra...*, Ed. Kappa Vu 2014.

not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca